

Quem manda na rua? Os laços e lições ensinados na infância por Maurício de Sousa¹

Elielda Ferreira da SILVA²

David de Jesus BELA³

Ana Letícia Linhares COSTA⁴

Êmilly Mendes SANTOS⁵

Hugo Martins de SANTANA⁶

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

O presente artigo apresenta reflexões acerca das obras cinematográficas “Turma da Mônica: Laços” e “Turma da Mônica: Lições”, dirigidas por Daniel Rezende, dialogando acerca da construção da imagem feminina, em especial durante a infância. Pretende discorrer sobre a representação feminina nas *HQ's*, tendo como referência algumas das primeiras revistas em quadrinhos da Turma da Mônica, escritas por Maurício de Sousa, trazendo temas como a infância e a apresentação dos corpos reais, a representatividade na educação infantil a partir de produções cinematográficas brasileiras e a adaptação das *graphic novels* para os filmes. Por fim, neste estudo, destaca-se a importância da personagem Mônica enquanto menina, os seus desafios e, em especial, o *bullying* sofrido na infância.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema nacional; *bullying*; análise fílmica; turma da Mônica; audiovisual.

1 INTRODUÇÃO

A construção da identidade infantil é profundamente influenciada pelas narrativas que a cercam — e o cinema, como expressão cultural de grande alcance, desempenha papel central nesse processo. A preocupação com os efeitos do audiovisual sobre o público infantil não é recente. De acordo com a UNESCO, desde a década de 1930, surgiram na Europa iniciativas voltadas à exibição de filmes especificamente para crianças, diante da escassez de produções adequadas para esse público. Em Paris, por exemplo, foi criado em 1933 o cineclube infantil *Cendrillon*, idealizado por Sonika Bo, com o objetivo de

¹ Trabalho apresentado para fins de creditação na disciplina Temas selecionados em cinema brasileiro, do curso de Comunicação Social da UESC.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, e-mail: efsilva.rti@uesc.br

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, e-mail: djbela.rti@uesc.br

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, e-mail: allcosta.rti@uesc.br

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, e-mail: emsantos.rti@uesc.br

⁶ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, e-mail: hmsantana.rti@uesc.br

oferecer sessões educativas e recreativas para crianças de 6 a 12 anos. Mais tarde, em 1946, o professor Jean Michel fundou em Valença o *Cine-Club de Jeunes*, ampliando o alcance etário (dos 6 aos 16 anos) e promovendo o acesso à cultura cinematográfica por meio da exibição de grandes obras acessíveis a esse público.

Quase um século depois, a questão da produção audiovisual para crianças ainda é negligenciada, especialmente no Brasil. Mesmo que as crianças representem aproximadamente 17% da população brasileira, esse grupo é pouco contemplado pelas políticas públicas voltadas ao cinema. Estima-se que, dos cerca de 100 filmes produzidos anualmente no país, apenas 2% sejam voltados ao público infantil — um dado que contrasta com sua representatividade nas bilheteiras, que chega a 35%.

É nesse cenário de escassez de conteúdos voltados à infância que se destacam obras como *Turma da Mônica: Laços* (2019) e *Turma da Mônica: Lições* (2021), dirigidas por Daniel Rezende e baseadas nas graphic novels de Vitor e Lu Cafaggi, inspiradas nos personagens clássicos criados por Mauricio de Sousa. Os filmes se destacam por traduzir para o cinema questões relevantes da infância brasileira, a partir de uma linguagem sensível, acessível e educativa. Este artigo tem como objetivo refletir sobre essas produções cinematográficas, dialogando com os quadrinhos originais e analisando a construção da imagem feminina na infância, especialmente por meio da figura da personagem Mônica.

A Turma da Mônica, uma das séries de quadrinhos mais emblemáticas do Brasil, criada por Mauricio de Sousa na década de 1960, tem passado por um processo de atualização significativa. Embora temas como *bullying*, machismo e gordofobia estivessem presentes em histórias anteriores — muitas vezes de forma velada ou naturalizada —, a série tem buscado se adaptar aos debates contemporâneos, promovendo maior consciência e inclusão. Atualmente, destaca-se o esforço em abordar temas como diversidade étnico-racial, deficiência, identidade de gênero e inclusão social de maneira educativa, sem perder o tom lúdico característico.

A representatividade, por exemplo, é fortalecida com a introdução de personagens como Dorinha, uma menina com deficiência visual; Milena, personagem negra; e os irmãos Tikara e Keika, que representam a imigração japonesa no Brasil. Além disso, histórias recentes abordam de forma cuidadosa temas como diversidade sexual, como no caso do personagem Caio, nos quadrinhos da Tina.

A personagem Mônica, em especial, emerge como uma figura central para pensar a representação feminina na infância. Forte, determinada e corajosa, Mônica foge dos estereótipos de gênero tradicionalmente atribuídos às meninas, assumindo protagonismo entre os personagens e sendo frequentemente retratada como líder. Sua imagem corporal, fora dos padrões hegemônicos, associada a episódios de *bullying* e desafios de aceitação, torna-se um ponto importante de análise sobre como a infância aprende — e ensina — sobre respeito, inclusão e diversidade.

Este artigo, portanto, propõe uma reflexão sobre os laços e lições presentes nas obras mencionadas, considerando tanto a origem nos quadrinhos quanto suas adaptações cinematográficas. Busca-se compreender como essas produções contribuem para a

construção de imaginários infantis mais plurais, e qual o papel da personagem Mônica na formação de valores, autoestima e identidade de meninas brasileiras.

2 A REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS HQs

Historicamente, a representação feminina nas histórias em quadrinhos foi marcada por estereótipos que associavam a mulher à fragilidade, docilidade e submissão, sobretudo em produções voltadas ao público masculino (NARDO, 2014). Nesse cenário, destaca-se a contribuição de Maurício de Sousa, que rompe com essa lógica ao criar personagens femininas fortes e complexas, como Mônica e Magali, oferecendo uma nova perspectiva às leitoras desde a infância.

A criação de Mônica em 1963, inspirada na filha de Maurício, surge justamente como resposta à ausência de personagens femininas no universo que até então era dominado por figuras masculinas como Cebolinha, Cascão e Franjinha. Ao incorporar uma personalidade combativa e independente, a personagem desafia a noção tradicional de feminilidade e ganha, de forma inédita, o protagonismo nas publicações, sendo reconhecida como a “dona da rua” — título que simboliza poder e respeito no contexto infantil.

Figura 1: Primeira aparição da Mônica, em As Tiras Clássicas do Cebolinha, nº 12.314, 1963.



Fonte: <https://g1.globo.com/vc-no-g1/noticia/2013/02/monica-completa-50-anos-mande-sua-versao-da-personagem-para-o-g1.html>

Essa construção de Mônica se contrapõe aos discursos sociais que associam o comportamento feminino à passividade. De acordo com a pesquisadora Abramowicz (2001), a infância é um momento crucial para a construção de identidades de gênero, sendo os produtos culturais, como os gibis, peças fundamentais nesse processo. Ao representar uma menina que responde com força e atitude ao *bullying* e à exclusão, Maurício oferece um modelo alternativo para meninas que não se veem nos moldes delicados tradicionalmente atribuídos ao feminino.

Além de Mônica, outras personagens femininas foram sendo integradas com singularidades próprias. Magali, por exemplo, subverte a expectativa estética ao ser representada com um apetite fora do “padrão” para meninas. Marina, por sua vez, se

destaca pelo interesse em arte e criatividade, evidenciando a multiplicidade de interesses e personalidades que meninas podem ter.

Essas representações ganham ainda mais força nas adaptações cinematográficas, em especial nos filmes *Laços* (2019) e *Lições* (2021), nos quais as personagens femininas, especialmente Mônica, mantêm sua complexidade e protagonismo. Ao abordar questões como o amadurecimento, a solidão e a pressão social sobre o comportamento das meninas, os filmes ampliam o debate iniciado nos quadrinhos e se conectam diretamente com as transformações emocionais da infância.

Dados do Instituto Alana (2020) reforçam a importância da representatividade na infância: 68% das crianças disseram que gostariam de ver mais personagens com os quais se identificam em filmes e desenhos. Isso evidencia o impacto que personagens como Mônica têm na construção da autoestima infantil, especialmente entre as meninas.

Assim, a representação feminina nas HQs de Maurício de Sousa e suas adaptações para o cinema não apenas rompe com padrões ultrapassados, como também contribui para um olhar mais justo e plural sobre a infância e os papéis de gênero. Ao valorizar a diversidade de meninas e suas múltiplas formas de ser, essas obras reafirmam o potencial transformador da arte na formação de uma geração mais consciente e empática.

3 LAÇOS VERMELHOS AMARRADOS COM LIÇÕES: É POSSÍVEL CRESCER SEM DEIXAR DE SER CRIANÇA.

Crescer pode ser difícil, mas não precisa ser doloroso. É essa a mensagem que os filmes *Turma da Mônica: Laços* (2019) e *Turma da Mônica: Lições* (2021), dirigidos por Daniel Rezende, transmitem ao retratar a transição da infância para o amadurecimento emocional dos personagens clássicos criados por Mauricio de Sousa. Pela primeira vez em versão live-action, Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão ganham vida de forma humanizada, com conflitos internos que aproximam a ficção da realidade de muitas crianças brasileiras.

No primeiro filme, a busca pelo cachorro Floquinho se transforma em uma jornada de empatia e amizade. Embora fantasiosa, a história aborda questões reais da infância, como medo, insegurança e necessidade de pertencimento. Para Henri Wallon (1942), as emoções são fundamentais no desenvolvimento infantil e moldam a forma como a criança interage com o mundo. Nesse sentido, a relação entre os quatro amigos revela como os vínculos afetivos podem servir de suporte para enfrentar os desafios do crescimento.

Já no segundo longa, *Lições*, o tom se torna mais introspectivo. Ao separar os personagens e colocá-los diante de novos ambientes e responsabilidades, o filme trata da dor da mudança e da solidão — experiências comuns na infância, mas muitas vezes negligenciadas. Segundo pesquisa do IBGE (2023), 1 em cada 3 crianças brasileiras relata sentir solidão com frequência, principalmente após mudanças escolares ou familiares. Ao contrário de *Laços*, em que Cebolinha assumia o protagonismo, *Lições* foca mais intensamente em Mônica. O sofrimento da personagem, longe de sua rotina e

das figuras familiares, é tratado de forma delicada. A “dona da rua” se mostra vulnerável, solitária e introspectiva, revelando camadas mais complexas da infância. A solidão infantil, raramente explorada com profundidade em obras destinadas a esse público, aqui ganha centralidade. A fala da personagem Tina (Isabelle Drummond) resume o espírito do filme: “Crescer é difícil, mas não precisa ser ruim”.

O filme ainda reforça a importância da escuta e da validação emocional. Quando a dor de Mônica é acolhida por adultos e amigos, ela se fortalece emocionalmente. Essa perspectiva está alinhada com os estudos de Winnicott (1983), para quem o amadurecimento saudável depende de ambientes que permitam à criança expressar-se sem medo ou repressão.

A produção também amplia o universo da Turma da Mônica ao incluir outros personagens já consagrados nos gibis, como Marina, Franjinha, DoContra e Milena, oferecendo novas possibilidades de identificação ao público e enriquecendo a diversidade do elenco. A direção de Daniel Rezende acerta ao utilizar recursos como o close-up, que intensificam a conexão emocional entre o espectador e os personagens, tornando o drama mais íntimo e verossímil.

Embora feitos para crianças, *Laços* e *Lições* se tornam narrativas universais ao tratarem de um processo que é ao mesmo tempo individual e coletivo: crescer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos filmes *Turma da Mônica: Laços* e *Turma da Mônica: Lições*, bem como dos elementos presentes em outros produtos transmidiáticos da obra de Mauricio de Sousa, revela a profundidade e relevância desse universo para a formação social e afetiva do público infantil. As histórias da turma não apenas entretêm, mas também cumprem uma função educativa, transmitindo valores como amizade, respeito, empatia, coragem e colaboração.

Ao longo das décadas, as personagens criadas por Mauricio de Sousa passaram a refletir questões cada vez mais complexas do universo infantil. Isso inclui a representação de temas como o bullying — enfrentado por Mônica, por conta de sua aparência —, os transtornos alimentares de Magali, a dislalia de Cebolinha (dificuldade de pronunciar certos fonemas) e até mesmo a fobia social de Cascão relacionada ao banho. Esses elementos, embora apresentados de forma lúdica, contribuem para o debate sobre saúde mental, diversidade e aceitação na infância, tornando-se ferramentas de socioeducação valiosas.

Nesse contexto, a personagem Mônica se destaca como símbolo de resistência a estereótipos femininos. Sua força física e personalidade firme desafiam os padrões de delicadeza associados às meninas, oferecendo às crianças brasileiras uma figura inspiradora com a qual podem se identificar. Essa desconstrução da feminilidade tradicional, já presente nas HQs, é mantida e aprofundada nas adaptações

cinematográficas, revelando um amadurecimento temático que acompanha o crescimento do público.

Os dois filmes analisados representam, assim, um percurso de amadurecimento. *Laços* apresenta uma aventura clássica da infância, centrada na amizade e no trabalho em equipe, enquanto *Lições* mergulha nos conflitos emocionais e nas dificuldades de crescer, trazendo à tona a metáfora da metamorfose como transformação inevitável e necessária. Essa continuidade narrativa permite uma compreensão sensível e acessível das etapas do desenvolvimento infantil.

Por fim, constata-se que o legado da *Turma da Mônica* vai além do entretenimento. Com uma linguagem acessível e personagens carismáticos, suas histórias promovem reflexões sobre a infância real, com suas fragilidades e potências. As obras de Mauricio de Sousa, ao longo do tempo, consolidam-se como uma referência não apenas cultural, mas também educativa, oferecendo ferramentas simbólicas para que crianças possam se ver, se entender e se transformar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Thiago Carvalho. Mônica: imagem e representação feminina nas tiras de Maurício de Sousa (1963-1979). **Triade: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia**, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 27-38, jul./dez. 2016. Disponível em: http://www4.uscs.edu.br/unidades/pos_graduacao/stricto_sensu/mestrado_comunicacao/triade/anteriores/TRIADE_vol4_no8_2016.pdf. Acesso em: 12 mar. 2023.

BRAMOWICZ, Anete. **A construção do feminino na infância**. São Paulo: Cortez, 2001.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying Escolar: perguntas & respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 142 p.

INSTITUTO ALANA. **Pesquisa Infância e Representatividade na Mídia**. São Paulo, 2020.

MELO, J. A. **Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo**. 5. ed. Recife: EDUPE, 2010. 128 p.

NARDO, Leticia. Mulheres nos quadrinhos: a desconstrução de estereótipos femininos na nona arte. **Revista Imaginário**, v. 20, n. 1, 2014.

PORFÍRIO, Francisco. **Bullying. Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 14 mar. 2023.

SALMORIA, Marister. **Bullying e a Turma da Mônica**. 2013. Disponível em: <https://maristersalmoria.wordpress.com/2013/10/29/bullying-e-a-turma-da-monica/>. Acesso em: 07 mar. 2023.

VITÓRIO, Débora. **Bullying infantil: o que é, como combater e os tipos de abuso**. 15 ago. 2022. Disponível em: <https://lumaensino.com.br/blog/comportamento-infantil/2022/06/10/bullying-infantil/>. Acesso em: 11 mar. 2023.